

MÚSICA BRASILEIRA, por Mário de Andrade¹

No Brasil se canta bastante. Até posso falar que se canta por demais. Porém assuntando de mais perto a maneira de cantar do brasileiro, a gente põe logo reparo num caráter do nosso canto que se reforça um traço da psicologia nacional, vai no entanto diretamente de encontro à tentativa do professor Lozano² e do nosso Orfeão. É que o canto brasileiro é essencialmente individualista.

Há uma falta quase sistemática de canto socializado no Brasil. Até nossos Cantos-de-trabalho no geral são individuais. Pregões, por ex., a gente colhe milietas deles por aí tudo, mas se procura uma cantiga organizadora de trabalho coletivo, quase não acha. Até faz pouco, na Bahia, no Recife, no Rio, contam que os carregadores de piano cantavam juntos uma melopeia ritual quando transportavam o instrumento pela rua. Diziam que era pra não desafinar... Tenho forcejado pra conseguir essa melopeia mas parece que ninguém não se lembra dela mais!

A precisão do movimento coletivo bem simultâneo leva mesmo os carregadores de pesos a inventar melodias bem ritmadas. Uma destas é a famosa canção dos sirgadores do Volga, uma das melodias mais bonitas da Rússia. Aqui também os carregadores de pesos usam cantigas dessas.

Porém que-dê canto de colheita, de capina, de remar no Brasil? Meu avô Leite Morais conta nos *Apontamentos de Viagem* que quando desceu o Araguaia, os remadores do canoão possuíam uma toada própria pra organizar o manejo dos remos. Spix e Martius³ registraram uma dessas dos índios do Rio Negro. Me falaram que em Itú ou Porto-Feliz, na festa de não sei mais que santo apareciam gente fluvial cantando melodia própria deles, coisa antiquíssima vinda do tempo das monções.

Andei indagando como pude mas resposta é que não me chegou nenhuma. O povo brasileiro é gente inculta e desleixada, não vê que brasileiro sabe a importância vasta que tem um documento desses...

¹ Série de quatro artigos publicados por Mário de Andrade no jornal natalense *A República*, no ano de 1928. No estabelecimento de texto para esta edição a ortografia foi atualizada, no entanto, mantém-se a pontuação da publicação original. Todas as notas foram elaboradas pelo editor da revista *Imburana*. Os quatro artigos estão contidos parcialmente no texto “Música brasileira (Palestra, com coros pelo Orpheon Piracicabano, recitada na Cultura Artística de Piracicaba)” - *Diário Nacional*, São Paulo, 28 jun. 1928.

² Fabiano Lozano (1844-1886?), compositor, maestro, nasceu na Espanha e veio com a família para o Brasil aos 13 anos de idade. Atuou como professor de piano e regente coral em Piracicaba-SP, tendo fundado o Orfeão Piracicabano.

³ J. B. Von Spix e Karl Friedrich Philipp Von Martius, naturalistas. É deles o clássico *Viagem pelo Brasil* (tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938).

É só nos engenhos do Nordeste que a gente encontra cantos de trabalho coletivo. Nas festas de abertura da moenda tem cantos tradicionais referentes a isso. Durante a moagem porém já o canto coletivo é substituído pelo aboio. Especialisadamente chamam de “aboio” ao grito do vaqueiro excitando a boiada. É costume explicar que os gritos animam o boi. É palavra mais ou menos conhecida por todas as partes do Brasil onde tem pastoreio. É conhecida no Nordeste principalmente mas passa por Minas e vai dar no Rio Grande do Sul. No pampa o termo já chegou, porém o aboio de lá não entra propriamente nas nossas preocupações de agora porque se reduz a grito extremamente sonoro mas sempre grito. É mesmo no Nordeste que o aboio se desenvolveu musicalmente tanto que dá cantigas às vezes completas e longas, ora perfeitamente estróficas, ora na forma de recitativos livres e compridos. Possuo alguns que são das melodias mais bonitas que o Brasil tem criado. São muito agudos no geral, lentos, cheios de sol quente. Desconfio que se desenvolveram assim quando o vaqueiro não tinha o que fazer, conduzindo a boiada lerda no estradão solitário. É de facto nesse momento que o marroeiro botando ao lado da boca a mão em forma de concha pro canto ressoar com direção entoa alto e o mais forte que pode o aboio.

Eia!
Boiato!
Meu boi Surubim!
Vam'bora por sul!
Que a sêca do norte tá forte!
Vam'bora por sul!
Boi!
Meu boi!
Meu boi surubim!
Ehhh vá!

E segue tudo lerdo, tardonho num Solão que mata a presença de tudo, com o agouro sempre da seca pairando por detrás do corpo sedento da polvaderia. E no meio do silêncio fechado o aboio fortíssimo ajuda a luz abrindo mais largueza na solidão. O que caracteriza mais a execução do aboio é ser executado assim fortíssimo, o mais forte que a garganta pode. Sucede cantarem tão forte certas feitas que o aboio atravessa a planura e é escutado nos engenhos. Os marroeiros destes secundam ao canto longínquo e se traçam assim sobre o xique-xique e as juremas da caatinga, diálogos musicais melancólicos humanizando com paciência e turra heroica o calorão equatorial.

O aboio se desenvolveu tanto no Nordeste que passou a designar também o canto excitador dos animais de tração. Os burros e bestas que fazem mover os engenhos possuem aboios seus também.

Marcha marcha meu cavalo, êh!
Nessa marcha marinheira,
Vamos fazer meladura
Lá na casa de caldeira, êh!
Oh-lê-oh-dá!...

E a besta vai rodando o dia inteiro. O trabalhador vai sonhando com os desejos que aguenta no coração, inventando quadras lindas:

Depois da cana caiana
Muinto dotô so formô,
Vou aprantâ a caiana
Prá me formá em dotô.

O amor, está claro, faz meladura junto com a cana:

Essa noite tive um sonho,
Sonho de munta alegria:
Que me casavam á fôrça
Com quem eu muito queria,
Oh-lê-ôh-dá!...

O aboio tem dado lugar a melodias positivamente magnificas. Mas todos esses cantos conservam conceito individualista, como se vê. Não só são cantados em solo e variam de engenho pra engenho, como no geral cada vaqueiro possui uma melodia especial, privativa dele.

A República, Natal-RN, 05 ago. 1928, p. 01